



Amazônia e a

Os primeiros europeus que escreveram sobre a Amazônia foram cronistas, como Frei Gaspar de Carvajal, Cristobal de Acuña, João Daniel, Simão Estácio da Silveira e o padre Antônio Vieira. Durante a fase da conquista e da penetração, o relato era pessoal e surpreendido dos viajantes, e a Amazônia abria-se aos olhos do Ocidente com seus rios enormes jamais vistos e a selva pela primeira vez deixando-se envolver. Uma visão de deslumbrados que não esperavam conhecer tantas novidades e difundiram o mito da existência das Amazonas, mulheres guerreiras que teriam vivido em períodos históricos anteriores à Grécia, época em que o matriarcado teria reinado na humanidade.

Na atualidade, o geógrafo Januário Amaral, da Universidade de Rondônia, refere-se em seu livro *Mata Virgem: terra prostituta*, à existência de vários outros mitos:

- **Mito da homogeneidade**, que propaga a região como sendo um imenso e uniforme tapete verde, atravessado por longos e tortuosos rios. Nenhuma visão da Amazônia é mais distante da realidade. Ela abriga uma indescritível diversidade ecológica, refletida no clima, nas formações geológicas, nas altitudes, nas paisagens, nos solos, na formação vegetal e na biodiversidade. A heterogeneidade também ocorre do ponto de vista político, social e econômico. São oito países com diferentes estilos de governo e desgoverno, políticas e leis para a região, assim como ela é habitada por uma ampla variedade de grupos humanos, que vão desde indígenas vivendo em total isolamento, até habitantes de grandes cidades.
- **Mito do vazio demográfico**, que produziu a crença na existência de uma região virgem, um imenso espaço vazio, ou a última fronteira da humanidade. Por este enfoque, a Amazônia seria uma terra sem habitantes para onde os homens sem terra deveriam migrar, aliviando os problemas da pressão populacional nas áreas periféricas, ao mesmo tempo ignorando os direitos milenares das populações que habitam a região.
- **Mito da imensa riqueza e extrema pobreza**, tendo como referência a exuberância da vegetação tropical, estabeleceu a crença da fertilidade dos solos amazônicos. Somente depois de investidos e perdidos bilhões de dólares em projetos de assentamentos agrícola é que se pôde constatar que esta riqueza era apenas aparente e que o tesouro da região está na biodiversidade do ecossistema, da flora, da fauna e do germoplasma nativo. A contrapartida desta percepção foi considerar os solos amazônicos tão pobres que tornaria impossível qualquer outra atividade que não a preservação incólume da floresta. Esta posição extrema tampouco se sustenta, dado que existem extensas faixas de solos aptos para a agricultura.
- **Mito do nativo como obstáculo ou como modelo para o desenvolvimento**, que justificou, no primeiro caso, extermínio sistemático destas populações, a agressão territorial e cultural ou a sua conversão ao modelo civilizatório ocidental. No segundo caso – a louvação do modelo indígena – desconheceu-se que aquelas culturas são formas adaptativas próprias



(des)mitificação

àquele ambiente e que sua adoção como modelo generalizado para o desenvolvimento da Amazônia é impraticável.

- **Mito de pulmão do mundo**, que considerava a floresta amazônica responsável pela produção de 80% do oxigênio (O₂) e fixador de dióxido de carbono (CO₂) e que sua destruição privaria o planeta dos seus pulmões. O mito desconsiderava tanto a importância dos oceanos de outras regiões tropicais nesta tarefa, quanto o fato da floresta amazônica ser uma floresta madura, mantendo um equilíbrio quase perfeito entre a produção de O₂ e a fixação de CO₂. Por outro lado, agora que as preocupações humanas deslocaram-se dos gases para a água, a contribuição da Amazônia para o balanço hídrico do planeta tem sido enfatizada, dado que o rio desemboca no mar 176.000 m³ de água por segundo, representando aproximadamente 1/6 de toda a água doce levada para os oceanos.
- **Mito de solução para os problemas da periferia**, que submeteu a região a projetos de colonização governamentais

visando a expansão da fronteira agrícola não só no Brasil, como na Colômbia, Peru, Equador e Bolívia, com o deslocamento de colonos atraídos por dois outros mitos: uma terra desabitada e com solos férteis. A colonização tem sido acompanhada de construção de estradas, de cidades e de hidrelétricas. O balanço geral dos últimos cinquenta anos de colonização é negativo: os problemas da periferia do sul-sudeste não foram resolvidos e criaram-se na Amazônia novas periferias com velhos problemas.

- **Mito da Amazônia como área rural**, que considera a fronteira amazônica semelhante aos movimentos migratórios que se desenvolvem no Brasil na primeira metade do século XX, com pioneiros ocupando terras livres com atividades agrícolas que paulatinamente geravam crescimento da população e da produção. Na Amazônia, a fronteira já nasceu heterogênea, constituída por frentes de várias atividades, com povoamento rural e produção agrícola relativamente modestos, e com intenso ritmo de ur-

banização, com o governo federal e as agências financiadoras internacionais assumindo o papel de planejador.

- **Mito de internacionalização da Amazônia**, que surgiu como corolário dos outros mitos, da extensa agressão ambiental das últimas décadas e da inversão do conflito leste-oeste para norte-sul. A internacionalização é "confirmada" pelo mito cibernético de um mapa que consta nos livros escolares norte-americanos, com a Amazônia desenhada e identificada como área internacional.

Tudo isso terá que passar um revisão sistemática, de estudos locais, para que haja uma efetiva desmitificação da região. ■

Professora doutora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, socióloga pela FFLCH/USP, mestre pela Universidade de Uppsala, Suécia, e Professora convidada para ministrar aulas sobre Cultura Brasileira na Universidade de Estudos Estrangeiros.